

REVISÃO METODOLÓGICA DA PIM-PF E IMPACTOS SOBRE A TRAJETÓRIA DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Leonardo Mello de Carvalho¹

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em abril último, através da sua Coordenação de Indústria, a reformulação implementada na Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF). No mês seguinte, foram divulgados os dados referentes a março de 2014. Dentre as mudanças metodológicas introduzidas, visando retratar de maneira mais fiel a evolução da produção do setor industrial brasileiro, destacam-se: *i*) reclassificação das atividades de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) na sua versão 2.0; *ii*) atualização do sistema de ponderação dos produtos, tendo como base a pesquisa Produção Industrial Anual (PIA) em nível de empresa e produto, cuja referência passa a ser o ano de 2010; e *iii*) atualização da amostra de produtos, setores e informantes.²

1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Em relação aos aspectos metodológicos, a migração para o sistema de classificação das atividades industriais com base na CNAE 2.0 provocou algumas alterações importantes na pesquisa. Em primeiro lugar, algumas atividades passaram a ganhar visibilidade na estrutura de classificação no nível de dois dígitos como a fabricação de bebidas, a fabricação de produtos farmacêuticos e a fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos.

Além disso, dentro dos grupamentos da classificação, mudanças internas de reposicionamento trouxeram impacto na seleção de produtos e na determinação de pesos. Como exemplo, a fabricação de eletrodomésticos (linha branca), que era considerada como pertencente à atividade máquinas e equipamentos, passou a fazer parte da atividade máquinas, aparelhos e materiais elétricos. Já os serviços associados a manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos, que estavam espalhados por suas respectivas atividades, passam a constituir uma atividade nova. Com relação aos pesos, a atividade veículos, reboques e carrocerias registrou o maior aumento, passando de 7,0% para 10,1% no valor total da produção da indústria geral. Destaque também para a fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, cuja participação aumentou de 7,9% para 10,3% na mesma base de comparação.

Mantendo como referência a Lista de Produtos e Serviços Industriais (PRODLIST-Indústria), a seleção de produtos aumentou de 830 para 944, passando a incluir produtos que ganharam participação na indústria ao longo da década, como a fabricação de *tablets* e de biocombustíveis. A quantidade de

1. Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

2. A versão anterior da pesquisa, que vigorava desde 2004, com a série retroativa até 1991, utilizava a CNAE 1.0, com estrutura de ponderação baseada na PIA referente à média do triênio 1998-2000.

informantes também cresceu, aumentando de 3.700 unidades locais para 7.800. Com relação às Unidades da Federação (UFs), a nova PIM-PF passou a incluir o estado de Mato Grosso.

Por fim, os novos indicadores, que passaram a ter como base o ano de 2012, foram encadeados de modo retroativo até janeiro de 2002. Para isto, todos os produtos que geravam os indicadores a partir da classificação CNAE 1.0 foram reclassificados, ou seja, foi feita uma correspondência destes produtos com a CNAE 2.0, sendo gerados novos índices para cada atividade. Tendo como base de comparação os anos de 2012 e 2013, os únicos para os quais existiam informações nas duas séries, foi feita, então, uma análise de aderência para balizar as decisões sobre o encadeamento realizado.

2 IMPACTOS NO DESEMPENHO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Em termos de tendência de crescimento, os dados referentes à nova PIM-PF não apresentam alterações significativas em relação à pesquisa antiga, mantendo o diagnóstico de estagnação que vem caracterizando a produção industrial desde meados de 2010 (gráfico 1). As principais mudanças ocorreram nos movimentos de curto prazo das séries, cujos efeitos se manifestaram de forma mais relevante no ano de 2013. De acordo com a nova metodologia, o desempenho da indústria foi consideravelmente melhor no ano passado, com a taxa de crescimento média anual passando de 1,2% para 2,3% (gráfico 2). Além do resultado acumulado ao final do ano, as mudanças também afetaram a trajetória de crescimento ao longo de 2013, revelando um ritmo mais forte no primeiro semestre, seguido por uma desaceleração mais intensa nos seis meses seguintes, sugerindo um cenário mais deprimido para a indústria na passagem para 2014. A este respeito, a produção industrial referente ao primeiro bimestre de 2014, que antes apresentava um avanço de 1,2% sobre os últimos três meses de 2013, foi revisada para uma queda de 0,2%.

GRÁFICO 1
Produção industrial: indústria geral (2002-2014)

(Índice dessazonalizado, base: 2012 = 100)

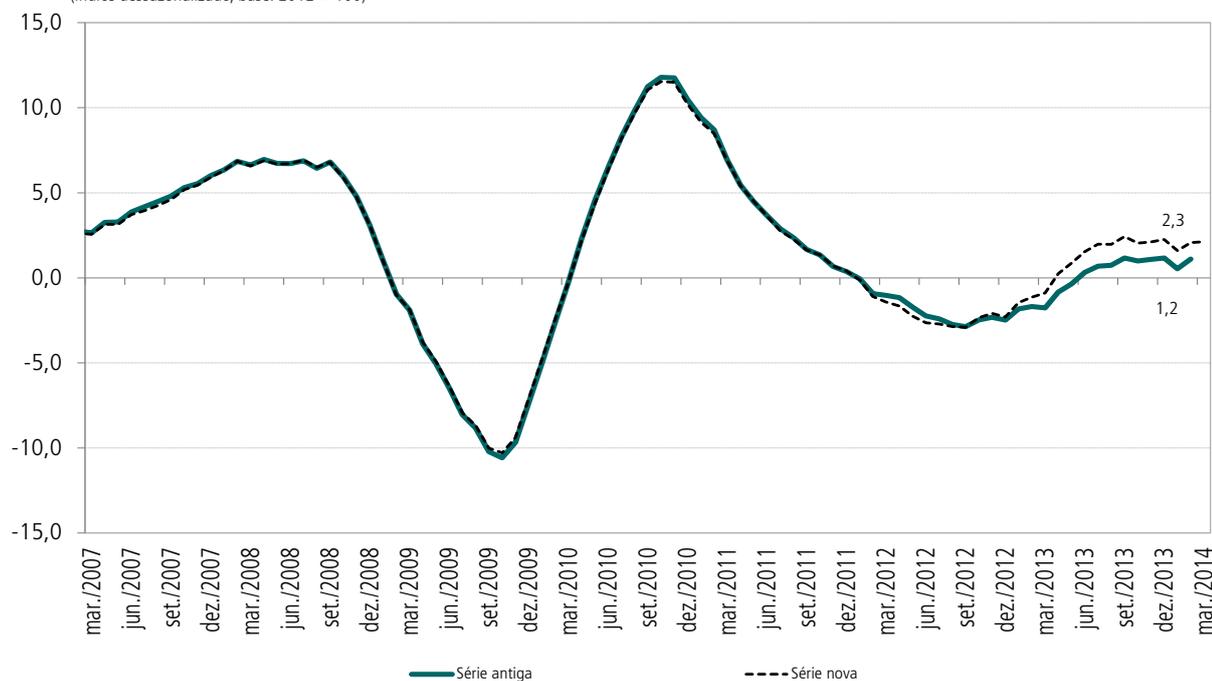
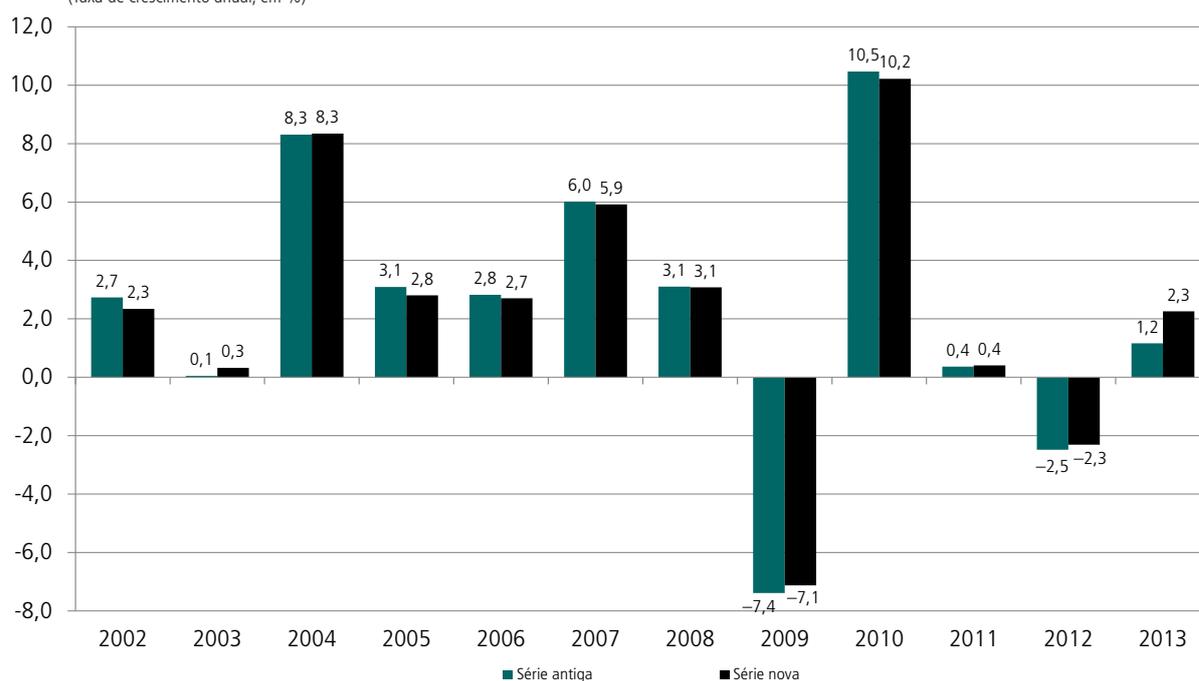


GRÁFICO 2
Produção industrial: indústria geral (2002-2013)
(Taxa de crescimento anual, em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração do autor.

Em termos das classes de produção, grande parte do aumento verificado no resultado de 2013 pode ser explicada pelo desempenho do setor de transformação, cuja taxa de expansão dobrou, passando de 1,5% para 3,0%. Por sua vez, a indústria extrativa também apresentou alguma melhora, reduzindo a queda de -4,1% para -3,6%.

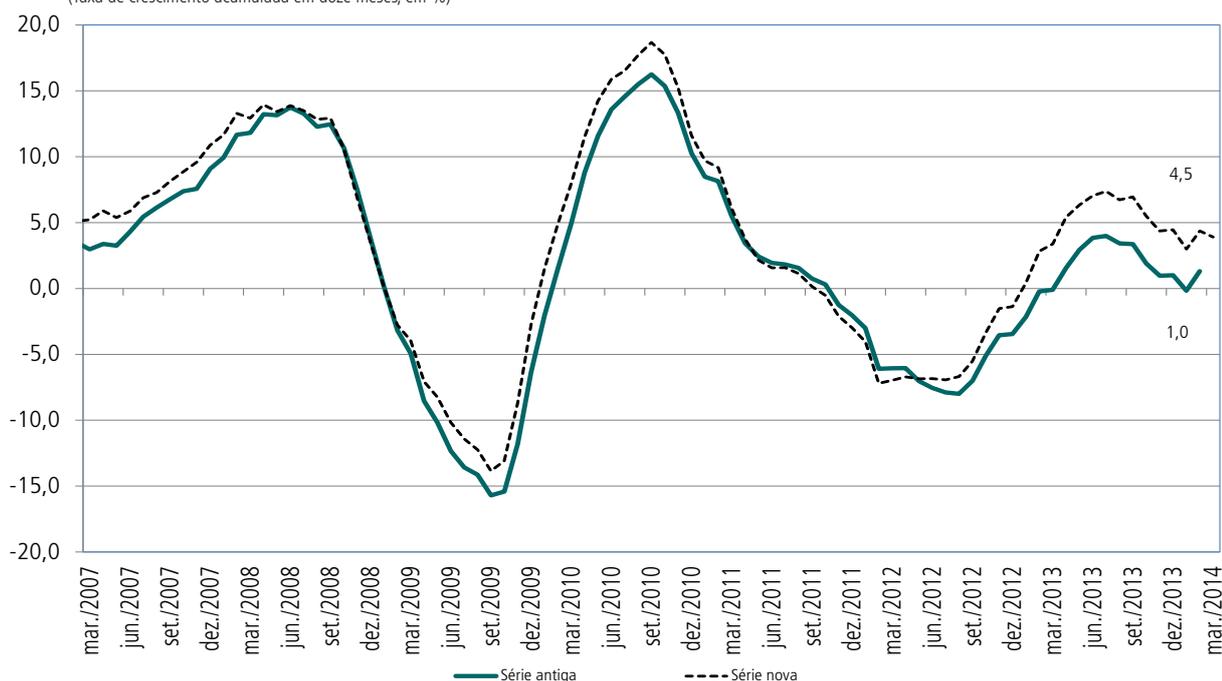
Com relação às categorias de uso, a maior diferença verificada na comparação entre as duas metodologias ficou por conta dos bens de consumo. Em particular, a produção de bens de consumo duráveis aumentou sua taxa de crescimento em 2013 de 1,0% para 4,5% (gráfico 3). Nesta categoria, o destaque positivo foi a atividade veículos, reboques e carrocerias, cuja maior expansão pode ter sido influenciada pela inclusão de novas plantas do setor automotivo na nova pesquisa da PIM-PF. Esta melhora no desempenho se refletiu num aumento da sua participação relativa na indústria geral, sendo este o maior ganho entre todas as atividades. Vale destacar que, ao contrário do que aconteceu em 2013, este ganho no peso relativo poderá puxar para baixo o resultado da indústria, na medida em que potencializaria um fraco desempenho da produção de autoveículos em 2014, fato que se observa até o momento.

Por sua vez, a produção de bens de consumo semiduráveis e não duráveis também apresentou melhora a partir da reformulação metodológica. Refletindo, em parte, a inclusão do estado do Mato Grosso na nova pesquisa, seu resultado passou de uma retração de 0,5% para um crescimento de 2,1% em 2013 (gráfico 4). Além disso, em virtude das mudanças na trajetória de crescimento, a produção de não duráveis foi a única categoria que apresentou alguma alteração de tendência, revertendo uma trajetória declinante verificada ao longo de 2013.

GRÁFICO 3

Produção industrial: bens de consumo duráveis (2007-2014)

(Taxa de crescimento acumulada em doze meses, em %)



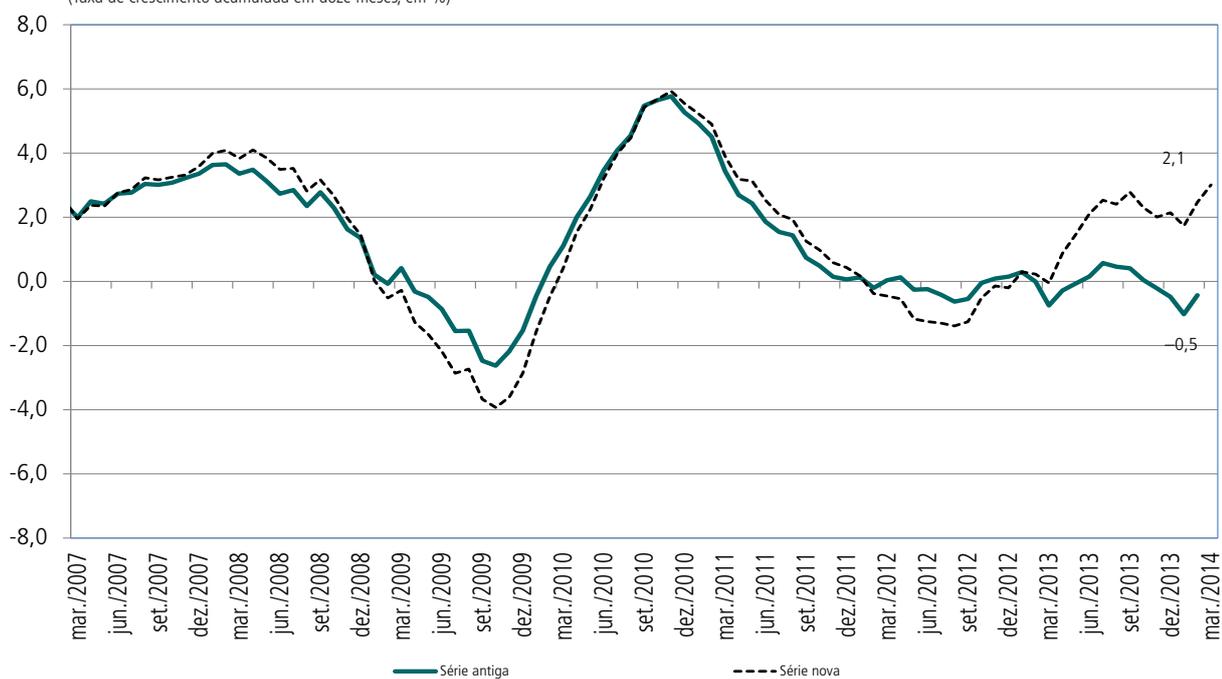
Fonte: IBGE.

Elaboração do autor.

GRÁFICO 4

Produção industrial: bens de consumo semiduráveis e não duráveis (2007-2014)

(Taxa de crescimento acumulada em doze meses, em %)



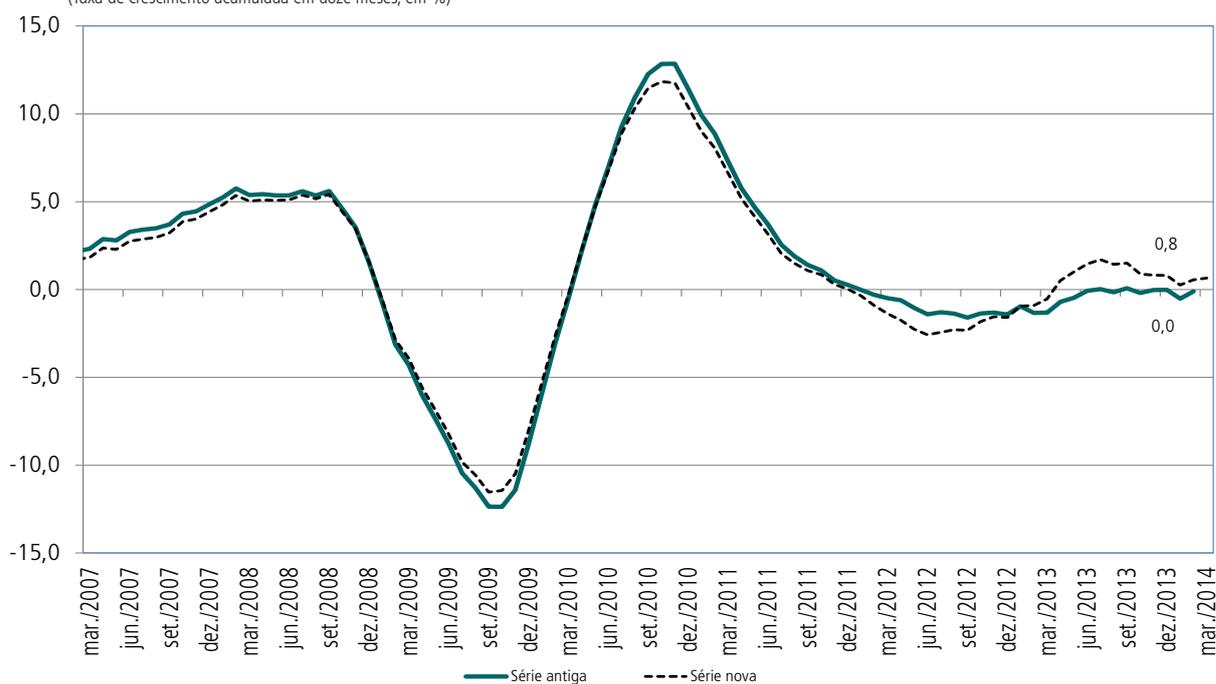
Fonte: IBGE.

Elaboração do autor.

Finalmente, as categorias de uso de bens intermediários e de bens de capital registraram as menores diferenças ao longo de toda a amostra. Em relação ao ano de 2013, especificamente, enquanto o resultado da produção de intermediários foi revisado de 0,0% para 0,8%, a produção de bens de capital foi a única entre as categorias de uso a apresentar redução da taxa de crescimento, passando de 13,3% para 11,3% (gráficos 5 e 6). A este respeito, embora o crescimento do agregado equipamentos de transporte industrial tenha aumentado de 20,4% para 26,4% em 2013, este resultado foi compensado pela redução da expansão do agregado composto pelas demais atividades associadas à categoria de uso bens de capital, que passou de 8,0% para 3,2%. Com base na abertura definida pelos índices especiais de bens de capital, as maiores contribuições para a redução do crescimento em 2013 vieram da produção voltada para fins industriais e para uso misto, cujos resultados caíram de 7,1% para -2,4% e de 4,4% para -3,7%, respectivamente. Vale destacar ainda que, no acumulado do primeiro bimestre de 2014, segundo a antiga metodologia, a produção de bens de capital crescia a uma taxa de 8,0% ante igual período do ano anterior, resultado este que foi revisto para 3,3% com a divulgação da nova versão da pesquisa. Neste caso, grande parte do resultado pode ser explicada pela forte queda no agregado equipamentos de transporte industrial, cuja taxa de expansão caiu de 6,7% para apenas 0,8%.

GRÁFICO 5
Produção industrial: bens intermediários (2007-2014)

(Taxa de crescimento acumulada em doze meses, em %)



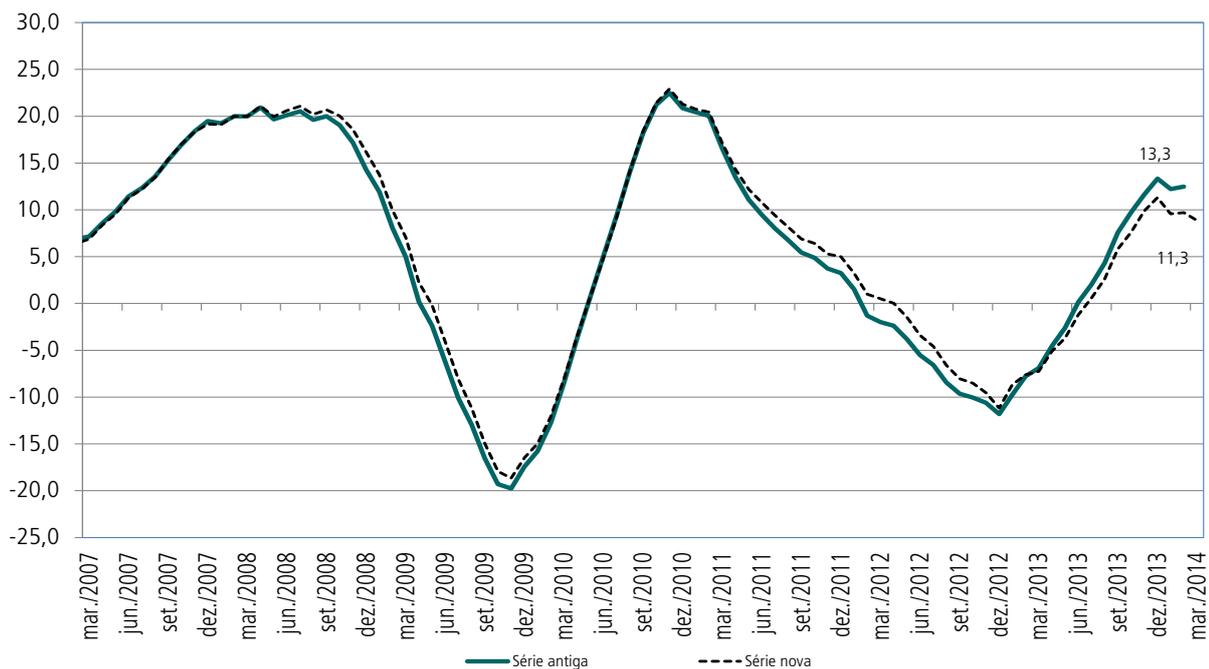
Fonte: IBGE.

Elaboração do autor.

GRÁFICO 6

Produção industrial: bens de capital (2007-2014)

(Taxa de crescimento acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração do autor.

